

HISTÓRIA DAS VIAGENS, VIDA
E MORTE DO GRANDE
INFANTE DOM PEDRO



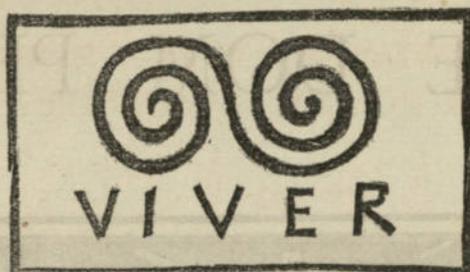
So. 12726⁹ v.

P.145115

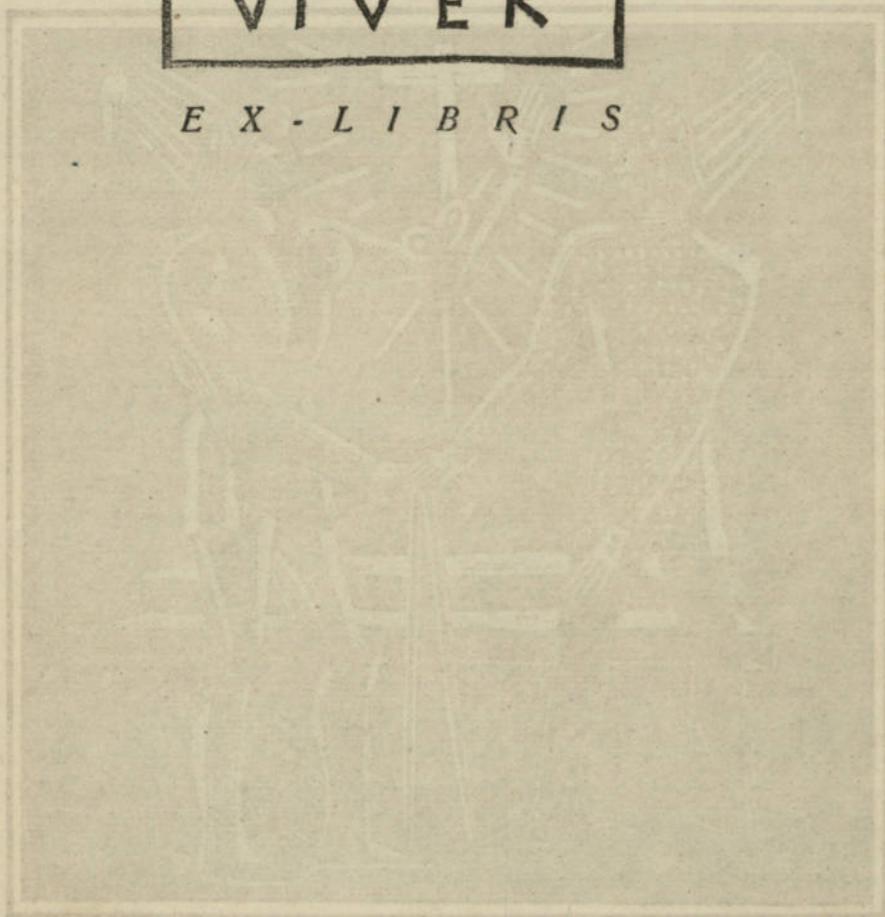


COLECCÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO VINTE E UM

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1941



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1941

So. 127269 ✓

LIVRO VINTE E UM

HISTÓRIA DAS VIAGENS, VIDA E MORTE DO GRANDE INFANTE DOM PEDRO

Depois da conquista de Ceuta aos moiros, el-rei Dom João I armou cavaleiros seus filhos Dom Duarte, Dom Pedro e Dom Henrique que muito bem o tinham ajudado naquela batalha.

Dom Duarte, o mais vélho, era o príncipe herdeiro e, por morte de seu pai, reinou em Portugal. A Dom Pedro deu el-rei Dom João o título de duque de Coimbra e a Dom Henrique o de duque de Viseu; e isto com muitas terras e riquezas.

Tinha Dom João I mais dois filhos varões: Dom Fernando, o Infante Santo que morreu mártir na moirama, e Dom João, leal e honrado cavaleiro como não havia outro melhor, que era condestável do reino.

Estes cinco príncipes, filhos de Dom João I, são como cinco estrélas a brilhar na história de Portugal e todos os bons portugueses devem pensar nêles com grande admiração e respeito porque em nenhuma história do mundo há príncipes tão perfeitos nem que melhor memória deixassem do bom emprêgo que deram às suas vidas.

Depois da conquista de Ceuta, Dom Henrique abalou para o Algarve com idea firme de aí construir a sua vila de Sagres e começar os seus grandes trabalhos para as descobertas de terras e mares desconhecidos, que era a paixão da sua vida.

Dom Pedro foi ver terras. Este infante herdara de sua mãe os cabelos loiros e os olhos azues. Alto, delgado, rijo e valente na guerra, bem feito de corpo, era um regalo vê-lo. Tinha o rosto sôbre o comprido e lindas feições; e, como se Deus tivesse querido juntar nêles tôdas as perfeições, era tão bom de coração, tão generoso e nobre de alma, tão sossegado e cortês nas suas falas e nas suas maneiras, que, entre os que o rodeavam, amigos ou servidores, não havia quem não estivesse pronto a dar a sua vida por êle.

Desde muito novo se dedicou aos estudos; tinha muito boa cabeça para aprender, pensar e escrever, e os livros e cartas que deixou são cheios de sabedoria e de ideas que mesmo homens vélhos e de grande memória, não chegam a ter senão raras vezes.

O infante Dom Pedro tinha um grande amigo. Era um fidalgo chamado Dom Álvaro Vaz de Almada. A-pesar-de pouco mais vélho do que o infante, Dom Álvaro já tinha viajado muito e batalhado em guerras estrangeiras e ganho grande fama lá por essas terras por onde andara. Tais proezas fizera e com tal galhardia se portara sempre, que o rei de Inglaterra, como prêmio dos seus grandes serviços, o fizera cavaleiro da Ordem da Jarreteira, que era das maiores honras que um príncipe podia receber e que só raras vezes era

dada a um fidalgo que não fôsse de sangue real. E não contente com isso, o rei de Inglaterra dera-lhe também o condado de Avranches que era na Normândia.

O conde de Avranches tinha muito boa presença. Era moreno, vivo como um azougue, e tão valente, sabedor das coisas da guerra e bom cavaleiro, quanto era desembaraçado, esperto e engraçado numa sala. Não havia quem o não tratasse com jeito, a-pesar do seu génio brincalhão, pois mêdo era coisa que não conhecia e tôda a gente sabia que palavra que êle dissesse, sustentava-a à ponta da espada fôsse lá contra quem fôsse.

O infante Dom Pedro foi ver terras. Queria conhecer mundo, outras gentes, outros costumes, aprender em viagens e aventuras o que a vida ensina melhor do que os livros.

Levava o infante consigo doze companheiros, em memória dos doze Apóstolos, todos seus amigos dedicados, bons fidalgos, rapazes de uma cana que, a-pesar-de novos, se faziam respeitar pelo que valiam.

A ilharga do infante cavalgava Dom Álvaro Vaz de Almada, conde de Avranches. Iam a cavalo, que naquele tempo não havia outra maneira de viajar para gente da sua categoria; e iam acompanhados pelos seus criados e mulas de carga com as bagagens. E todos bem armados, que os caminhos não eram seguros e podiam encontrar bandos de ladrões, ou talvez tivessem que defender de perigos certas senhoras ou meninas, conforme era seu dever de cavaleiros, ou castigar insolentes ou malcriados que topassem nas terras por onde passassem e que lhes faltassem ao respeito.

O infante Dom Henrique, ao despedir-se do irmão, sempre com o pensamento nas descobertas, disse-lhe assim:

— Vêde se encontrais por êsse mundo novidade que me possa servir por cá nos meus trabalhos. Coisas da arte de marear, histórias de viajantes...

Dom Pedro assim lho prometeu.

O primeiro sítio onde descansaram foi na côrte do rei de Castela, Dom Fernando II, que ia então nos dezassete anos e tinha pouca saúde. Quem governava era o condestável Dom Álvaro de Luna, fidalgo poderoso com quem o infante Dom Pedro se ligou de amizade.

Ali foram os portugueses recebidos com grandes honras e festejos, e aí conheceu Dom Pedro a infanta Dona Leonor de Aragão que veio depois a casar com el-rei Dom Duarte e a ser rainha de Portugal. Mal sabia então Dom Pedro os trabalhos e desgostos que aquela sua futura cunhada lhe havia de causar! Naquela côrte, durante os torneios, toiros e serões e outras festas, namorou-se Dom Pedro da filha do duque de Urgel, linda e sossegada e cheia de virtudes. E tanto se namorou dela que nunca outra mulher o distraíu daquela. Este amor que durou até ao fim da sua vida, foi logo compartilhado; para ela também nunca houve outro homem no mundo. Quando se separaram, Dom Pedro jurou-lhe que ao cabo das suas viagens casaria com ela; e ela jurou que o esperaria até à morte e que, se êle não voltasse, mais depressa entraria para um convento do que casaria com outro.

De Espanha passou Dom Pedro mais os seus doze companheiros ao reino

de Inglaterra. Andava acesa entre inglêses e franceses a guerra que ficou com o nome de Guerra de Cem Anos. Nesse tempo levavam os inglêses a melhor e tôda a Normândia era deles. Tôda a gente pensava que daí a pouco a França deixaria de existir.

É preciso saber-se que a França e a Inglaterra não eram o que hoje são. Não tinham o poder, nem a riqueza, nem a sabedoria que depois vieram a ter. Portugal andava bem governado e valia tanto como qualquer dêstes países e quando, daí a pouco, a nossa gente começou a descobrir o mundo, não havia país que lhe fôsse acima em poder, em riqueza e em sabedoria.

Em Inglaterra não faltaram cortesias e festas ao infante Dom Pedro e aos outros cavaleiros portugueses. Ao lado de el-rei combateram na guerra e de-tal maneira o infante se portou que o rei o fêz cavaleiro da Ordem da Jarreteira e deu grandes presentes a todos os seus companheiros. E houve muitas festas e torneios onde os portugueses fizeram grande figura pois eram todos lindos rapazes e sabedores como poucos da arte de cavalgar e jogar da lança, e apresentaram-se com ricas armas e belos cavalos; e nos bailes não havia quem lhes levasse a melhor na riqueza dos fatos e das jóias, nem na perfeição das danças, nem na cortesia e graça das suas maneiras.

Não se contentou Dom Pedro de figurar na companhia dos seus e de honrar o seu nome e o nome de Portugal, mas aproveitou o tempo da sua estada em Inglaterra para observar a vida e os costumes daquele povo e passou uns poucos de meses na Universidade de Oxford que era das melhores que havia; porque nunca Dom Pedro perdia ocasião de observar e de se instruir.

De Inglaterra foram os cavaleiros portugueses a França onde foram também recebidos com as honras que mereciam e o infante freqüentou a Universidade de Paris, comparando os seus estudos com os de Oxford e aprendendo muito, tanto na Universidade como na observação das gentes e dos costumes da França.

Não quis Dom Pedro deixar êste país sem ter mandado um correio à sua noiva em Castela e sem aguardar a sua resposta. E tanto a carta dele como a dela, eram carregadas de amor e de protestos de fidelidade. Consolado e animado por estas boas notícias, seguiu o infante viagem com os seus companheiros, e foram ter à Hungria onde ofereceram os seus serviços ao imperador Segismundo que governava na Alemanha e na Hungria e outras terras dessas bandas.

Aí andavam guerras bravias. Os turcos infiéis avançavam lá do seu país com grandíssimo poder e queriam vencer tôda a Cristandade; e os reis cristãos não tinham sossêgo, mormente o imperador Segismundo cujos estados eram logo os primeiros no caminho dos Turcos.

Assim, estando as coisas dêste modo, quando o imperador viu chegar o infante português com o conde de Avranches e os outros cavaleiros que se apresentaram diante dele com muito esplendor e já carregados de fama das grandes proezas que tinham feito noutras terras, ficou todo contente, pois bem sabia quanto a bravura daqueles fidalgos e o seu saber na arte da guerra, o poderiam ajudar. Acolheu-os pois com muita amizade e festejou na sua côrte.

Durante quatro anos andaram os cavaleiros portugueses por aquelas terras batalhando em guerras perigosas e cobrindo-se de glória e fama; e nunca o infante Dom Pedro perdia ocasião de observar e estudar com muita atenção tudo quanto ia vendo quer entre os fidalgos quer entre o povo. Admirado o imperador Segismundo do valor e do grande coração do infante, deu-lhe, em prêmio dos seus serviços, a província de Treviso que era grande e rica e hoje pertence à Itália. Ali havia uma cidade, e vilas, e castelos, e campos e florestas. E não contente com este presente importante, o imperador deu também ao infante uma pensão anual de vinte mil ducados, o que era muito dinheiro. Tudo isto Dom Pedro merecia, e mais que fôsse, pois se fartou de arriscar a vida e de vencer batalhas.

Ao cabo de quatro anos desta vida abalou o infante Dom Pedro mais os seus doze amigos para a Noruega e Dinamarca, países frios onde durante seis meses no ano tudo fica debaixo de neve e em grande escuridão porque o sol naquelas partes pouco ou nada aparece no correr dos compridos invernos.

Nesses reinos encontraram príncipes e fidalgos que tinham sido seus companheiros nas guerras contra os Turcos, e que os receberam com grandes alegrias.

Por onde passavam deixavam fama sempre maior, não só de bravura nas guerras, mas de perfeita cortesia e saber de tôdas as coisas que competiam a gente da sua nobreza e educação. Por tôda a parte eram recebidos nem que fôsem reis, por tôda a parte lhes ofereciam honras e proveitos para que ficassem; e princesas reais e grandes fidalgas se apaixonavam por êles. Mas nenhum se deixou tentar e seguiram sempre juntos o seu destino, o que tinham determinado. A sua idea era ver mundo, aprender, espalhar boa fama de Portugal por tôda a parte e voltarem ricos de saber e de experiência para melhor poderem servir a sua pátria.

Da Noruega, em longas jornadas, foram ter à Terra Santa, à Palestina, onde, com muita devoção, visitaram o Santo Sepulcro de Nosso Senhor Jesus Cristo, a capelinha onde jazia o corpo de Santa Catarina, no alto de um rochedo solitário onde frades o guardavam noite e dia. E nessas partes andaram muito tempo e tiveram espantosas aventuras e viram coisas de maravilhar; perderam-se nos desertos, e, por milagre, se salvaram de muitos perigos naquelas terras de infieis. Porque nunca deixaram de fazer o bem que podiam, mesmo com risco das suas vidas, livrando cativos cristãos, batalhando para defender os fracos contra a maldade dos mais fortes, passando fomes e frios e grandíssimos calores; e de tôdas estas coisas tirando o infante muitos ensinamentos.

Por fim, como já muitos anos eram passados desde que andavam nestas viagens e como já tinham visto tantas terras e povos diferentes, e assistido em tantas côrtes de imperadores, reis e príncipes, e guerreado e aprendido tanto, — o infante Dom Pedro começou a pensar que era chegado o tempo de voltar a Portugal. Tão longe andavam das Espanhas que não podiam de lá ter notícias e cada um andava já com o coração apertado de saudades.

Assim, indo até à costa do Egito, chegaram à cidade do Cairo onde fretaram um navio e nêle embarcaram com seus criados, cavalos e bagagens.

Navegando pelo mar Mediterrâneo foram ter à Itália onde visitaram vários reinos e assistiram em diferentes côrtes e viram muitas terras e diversos povos.

Um dos reis que na Itália os recebeu, sabendo como o infante Dom Pedro gostava de estudar e de saber tôdas as coisas, deu-lhe de presente um livro muito bem copiado à mão, em pergaminho, como naquele tempo os frades copiavam os escritos com muita arte e perfeição. Esse livro fôra escrito por um italiano chamado Marco Polo que fizera muitas viagens por longes terras lá para as bandas da Índia, e dessas terras desconhecidas contava espantosas coisas.

O infante Dom Pedro ficou muito contente com êste presente. Sabia que nada poderia levar a seu irmão Dom Henrique que maior satisfação lhe desse.

Em Veneza e em Génova fartou-se de conversar com mercadores que traficavam com o Oriente, com marinheiros que iam ao Cairo receber as mercadorias da Índia, com sábios que passavam a vida a fazer portulanos, que eram mapas marítimos do que naquele tempo se conhecia, e cheios de desenhos e pinturas de grande perfeição. E dêste modo ia Dom Pedro aprendendo e notando muitas coisas cujas notícias levou a seu irmão Dom Henrique e lhe foram mais tarde de grande serviço nos seus estudos e emprêzas de navegações e descobertas.

Deixando a Itália encaminhou-se Dom Pedro mais os seus amigos para a côrte de Castela. E aí teve êle a grande alegria de encontrar a sua linda noiva que passara aquêles anos à sua espera sem nunca duvidar dele nem pensar em outro homem.

Todos os cavaleiros que o acompanhavam e compartilharam seus trabalhos e glórias voltavam a Portugal com as almas enriquecidas do muito que tinham visto e aprendido. Mas nenhum como o infante Dom Pedro, porque das mesmas sementes espalhadas na terra, nenhuma cresce igual às outras e as sementes da sabedoria são como as sementes do pão: se caem em boa terra dão boas espigas, e se caem em terra somenos dão espigas somenos.

Não havia em verdade na Cristandade príncipe de maior juízo, virtudes e sabedoria do que o infante Dom Pedro. O seu entendimento ia além do de todos os homens do seu tempo. O que aprendia, florescia-lhe na alma como por milagre.

Pouco tempo depois do infante Dom Pedro mais os seus amigos chegarem a Portugal, espalhou-se a notícia do próximo casamente de el-rei Dom Duarte com a infanta Dona Leonor de Aragão. E daí a tempo casaram. Infelizmente esta nova rainha de Portugal não tinha boa cabeça nem bom coração, mas era intriguista, esperta e manhosa, e logo de princípio teve artes de fazer do marido o que queria. Dom Duarte apaixonou-se por ela; e como era bom mas fraco de vontade, a pouco e pouco foi-se deixando governar por ela.

Mal tinham acabado as grandes festas dêste casamento real, celebraram-se as bodas de Dom Pedro com a filha do duque de Urgel, aquela noiva tão querida havia tantos anos.

A rainha Dona Leonor não viu êste casamento com bons olhos. O duque de Urgel fôra noutros tempos inimigo de seu pai, o rei de Aragão, e Dona

Leonor levou muito a mal que Dom Pedro escolhesse para sua mulher uma filha do duque. Daí começou uma grande má vontade da rainha contra o infante Dom Pedro.

Durante os anos que se seguiram a estes casamentos, Dom Pedro, retirado no seu palácio de Coimbra, passava o tempo estudando e lendo e escrevendo e vivia feliz com sua querida mulher e com os filhos que ela lhe deu. Quanto mais crescia a sua sabedoria, maior se tornava a bondade do seu coração. Ia poucas vezes à côrte; só quando se reunia o Conselho de el-rei a que êle pertencia.

Assim, quando se tratou da expedição a Tânger, foi êle muito contrário a essa emprêsa; êle e seu irmão o infante Dom João que tinha por êle grande e funda amizade e um génio e modo de pensar muito parecido com o seu. E quando se deu o desastre das nossas tropas em Tânger (como já foi contado) e que o infante Santo lá ficou de reféns nas unhas dos moiros, Dom Pedro e Dom João batalharam quanto puderam no Conselho para que se entregasse Ceuta e se livrasse o infante Santo. Vendo que não o queriam escutar, retirou-se Dom Pedro para Coimbra, cheio de tristeza.

Seis anos durou lá na moirama o martírio do infante Santo; e el-rei Dom Duarte, que tinha bom coração mas nenhuma fôrça de vontade, não foi capaz de ir contra a teimosia do infante Dom Henrique—que não queria entregar Ceuta—nem contra a manha da rainha que apoiava Dom Henrique. E entre penas, remorsos e fraqueza de ânimo, caíu Dom Duarte numa grande melancolia e morreu de paixão, todo minado por aquêle desgosto.

Ora el-rei, levado por espertezas da rainha, tinha feito um testamento no qual a deixava, a ela, regente do reino enquanto seu filho o príncipe herdeiro Dom Afonso fôsse menino.

Quando o povo soube dêste testamento, levantou-se e pediu com altos brados que lhe dessem como regente o infante Dom Pedro. Mas o duque de Bragança, irmão bastardo de el-rei Dom Duarte, e com êle muitos fidalgos e o arcebispo de Lisboa, queriam a rainha, porque era mulher e bem sabiam como haviam de a levar e que, se ela ficasse regente, à sua sombra seriam êles que governariam o reino.

Seguiram-se daqui muitas contendas e brigas. Muitos fidalgos e dos melhores puseram-se ao lado de Dom Pedro; e logo em primeiro lugar, lá estava seu fiel irmão, o infante Dom João, condestável do reino e o conde de Avranches; e com êle estava também todo o povo de Lisboa e das principais cidades e vilas.

O infante Dom João era casado com a filha do duque de Bragança e todo o seu interêsse era estar bem com o sogro, que era, depois de el-rei, o homem mais rico e poderoso de Portugal. Mas Dom João não queria saber do seu interêsse quando se tratava da sua honra; a sua opinião era que Dom Pedro, homem que por suas qualidades êle estimava e admirava, devia ser o regente, e não a rainha que não tinha cabeça nem coração para governar um povo. Colocou-se ao lado de seu irmão Dom Pedro e dali nem mulher, nem sogro, nem ameaças, nem promessas, o fizeram arredar.

Dom João, pois, cheio da sua razão, foi ter com o povo de Lisboa que

andava em revolta e lá o sossegou prometendo-lhe que Dom Pedro viria para a regência. E o conde de Avranches tomou conta do castelo de Lisboa, e pôs fora o arcebispo que fugiu para Espanha.

Emfim tudo se acomodou e Dom Pedro ficou regente do reino.

A rainha foi para Alenquer e el-rei Dom Afonso que ia então nos seus sete anos e o seu irmão mais novo o infantezinho Dom Fernando, foram levados cada qual para sua casa onde ficaram bem guardados com aias e mestres e nada lhes faltava.

E seus tios Dom Pedro e Dom João a-miúdo os iam visitar, assim como o conde de Avranches, vigiando que fôsem tratados e educados como convinha.

Vendo que não lhe valiam intrigas e que andava vigiada, a rainha enraivecida resolveu fugir de Alenquer e ir para o castelo do Prior do Crato que ficava perto da raia de Espanha. Muito bem concertada em segrêdo com o duque de Bragança — que se roía todo de inveja ao ver Dom Pedro na regência — e com outros fidalgos poderosos do seu partido, combinaram que ao Castelo do Crato viriam ter os fidalgos portugueses do partido da rainha com suas tropas, e mais os príncipes de Aragão irmãos de Dona Leonor e outros bons fidalgos espanhóis, e que ali todos se juntariam e fariam guerra contra Dom Pedro.

Mas os príncipes de Aragão não quiseram vir e Dom Pedro, sabendo de tudo isto, deu ordem a tôdas as vilas e aldeias em volta do Crato, que não dessem mantimentos de qualidade nenhuma para o Castelo. De modo que, em pouco tempo, a rainha e os que estavam com ela não tinham de comer nem maneira de o alcançar.

Então a rainha Dona Leonor, cheia de raiva, fugiu para Espanha com intenção de ir em pessoa pedir aos irmãos e outros fidalgos que a socorressem com tropas para fazer guerra contra o regente de Portugal. Mas em Espanha ninguém lhe deu ouvidos; e ela teve de se retirar para Toledo onde por fim veio a morrer sem ter podido fazer o mal que queria.

Assim os anos foram correndo.

El-rei Dom Duarte tinha morrido em 1438 e desde então Dom Pedro governava. E governava bem. Tudo que fazia era bem feito. Boas leis, boa justiça, boa ordem em todo o reino.

O reizinho Dom Afonso crescia e medrava que era um louvor a Deus. Rijo e saudável, muito vivo, dava sinais de vir a ser um homem valente, desembaraçado e esperto. Dom Pedro tinha-lhe muita amizade e passava horas com êle contando-lhe histórias das suas viagens e ensinando-lhe o que um príncipe devia aos outros e a si mesmo.

O povo andava contente. Tão contente que um dia a gente de Lisboa veio ter com o regente para lhe pedir licença de lhe levantar uma estátua de pedra, representando a sua figura em tamanho natural, sôbre uma das portas de Lisboa. Mas o infante não deu licença; e aos que tinham vindo para lha pedir, mandados pelo povo, respondeu:

— Se eu desse a licença que me pedis agora, dias viriam em que, por prêmio do que tenho feito por vós e continuarei fazendo, vós ou os vossos filhos derrubariam a estátua e com pedras lhe quebrariam os olhos.

E com um sorriso os despediu; e ficou-se a olhar pela janela com aquêles seus olhos azues e pensativos que viam mais e mais longe que os dos outros homens.

Não deixou que lhe levantassem a estátua porque o que êle fazia era para bem de Portugal e não para daí tirar honras ou proveitos; e bem sabia que o povo é sempre o mesmo e ora se volta para um lado ora para o outro conforme as manhas de quem o souber levar.

Tudo corria bem. Mas o duque de Bragança matava-se de inveja e via com muito maus olhos o irmão a mandar e êle lá nos seus condados sem poder nenhum nos negócios do reino. Era invejoso e soberbo, a-pesar-de possuir muitas terras e riquezas, nunca se dava por contente.

Como um lóbo metido na toca, esperava a ocasião de saltar, esperava a ocasião de armar a sua teia de intrigas e maldades para derrubar Dom Pedro.

Apenas el-rei chegou aos catorze anos, meteu-se o duque de amizade com êle. Ninguém o podia tolher de visitar el-rei. Pois não era seu tio? Pois não era o seu principal vassalo? Tais artes teve que foi ganhando a amizade e a confiança do sobrinho. E começou a dizer-lhe mal de seu tio Dom Pedro: que o regente era fingido, que lhe mostrava amor mas só lhe queria mal, que não lhe entregaria o govêrno senão à fôrça, que só queria mandar, que fazia pouco dele, e outras coisas assim.

Ao princípio el-rei, que era muito amigo do seu tio Dom Pedro, não quis acreditar, zangou-se, pediu ao duque que não lhe falasse mal do regente. Mas era muito novo, arrebatado de génio e, a pouco e pouco principiou a acreditar nas mentiras que o duque lhe dizia com muita habilidade. Começou a dar ouvidos a êste tio, a meter no serviço da sua casa officiais que o duque lhe recomendava e que iam ensinados para o enganar.

Nesta altura o infante Dom João adoeceu perigosamente e em pouco tempo se finou.

Grande foi o desgosto de Dom Pedro que estimava aquêle irmão nem que êle fôsse seu filho.

— A morte de tal homem, — disse êle ao conde de Avranches, — de tão fiel e leal amigo, fina flor da cavalaria, é coisa tão espantosa que não pode vir sôzinha. Grandes desgraças nos ameaçam. Isto é só o princípio. E se Deus levou dêste mundo na flor da idade o mais perfeito dos príncipes, foi para o poupar ao que está para vir.

O conde de Avranches, Dom Álvaro Vaz de Almada, sempre pronto a ver as coisas pelo melhor lado, animava o seu grande amigo conforme podia. Mas o regente, já de si pensativo e conhecendo tão bem a natureza humana, entristecia cada vez mais.

O infante Dom João era condestável do reino, isto é, quem mais mandava abaixo do regente e tinha o comando de todo o exército. Morreu sem deixar filho varão; e Dom Pedro, vendo que o infante Dom Henrique se conservava solteiro, entendeu que o lugar de condestável do reino devia ser para seu próprio filho mais vélho, que se chamava Dom Pedro como êle e que veio a ser mais tarde rei de Aragão. Este rapaz era digno de tal lugar, pois melhor cavaleiro e homem mais honrado não havia em tôdas as Espanhas.

Apenas soube da morte do infante Dom João, o duque de Bragança que se encontrava no norte de Portugal, veio a correr pedir ao regente o lugar de condestável para seu filho, conde de Ourém. Dom Pedro respondeu-lhe que já tinha dado esse lugar a seu próprio filho e explicou-lhe com muita paciência as razões que a tal o tinham determinado. O duque fingiu aceitar essas razões, mas ficou furioso e foi dali direitinho ter com el-rei e disse-lhe assim:

— Veja Vossa Alteza se tenho razão ou não. O regente quer tudo para si. Agora fez o filho condestável do reino. Peça Vossa Alteza a Dom Pedro o govêrno do reino e vamos a ver se êle lho dá!

Ora Dom Pedro sabia muito bem do que se passava por sua filha que, ainda em vida de Dom Duarte, quando tanto ela como Dom Afonso eram meninos, ficara noiva do príncipe herdeiro e agora casara com êle e era rainha de Portugal.

E assim, por ela soube desta nova intriga do duque de Bragança.

Tirou-se dos seus cuidados e já cansado de tantas relações e mentiras, apresentou-se a el-rei e disse-lhe:

— Meu Senhor, Vossa Alteza, já pela sua idade — que já tem quinze anos feitos — já pelo seu juízo, chegou a pontos de tomar conta do govêrno do reino. E eu de boa vontade e como fiel vassalo de Vossa Alteza, aqui lho venho entregar e, com sua licença me retirarei para as minhas terras que já vou estando vêlho e cansado.

El-rei ficou muito admirado e lá lhe quis parecer que o duque de Bragança lhe não dizia a verdade; mas era muito novo e a novidade de governar tentava-o. Tirou o pensamento destas coisas e deixou partir Dom Pedro para Coimbra.

Mas o duque não descansou.

— Isto é um fingimento, — disse êle a el-rei, — Dom Pedro entregou o govêrno a Vossa Alteza para esconder suas más tenções. Desde as últimas guerras, tem êle lá em Coimbra muitas armas e homens não lhe faltam. Um belo dia o veremos marchar contra Vossa Alteza e tomar o seu lugar no trono. Ora peça-lhe Vossa Alteza as armas que êle tem e veremos se lhas dá!

El-rei não fez caso, mas esta idea lá lhe ficou na cabeça. E o duque de Bragança, quer por boca própria, quer por fidalgos e oficiais bem ensinados, fazia chegar a el-rei acusações cada vez mais graves e mentirosas: que Dom Pedro mandara envenenar a rainha Dona Leonor lá em Toledo onde se finara; que Dom Pedro mandara também envenenar o infante Dom João para que seu filho ficasse condestável do reino; que Dom Pedro estava juntando sua gente para marchar contra Lisboa... Não se passava um dia que não inventassem uma nova mentira e a não trouxessem a el-rei.

A rainha Dona Isabel, filha do infante Dom Pedro, fazia quanto podia para tirar estas ideas da cabeça de el-rei; e êle, que a estimava muito, ainda a ouviu algum tempo. Depois, cada vez mais embrulhado na teia de mentiras que teciam sem descanso à sua volta, começou a encher-se de raiva contra o infante Dom Pedro.

Mandou-lhe pedir as armas. O infante, que bem percebeu a manha do duque, que o queria desarmar para na primeira ocasião o atacar, apanhando-o

sem defesa, recusou-se a entregá-las. El-rei, aconselhado pelo duque, proibiu-o de sair das suas terras, o que era uma grande afronta.

O infante Dom Henrique, que podia ter evitado a grande desgraça que andava no ar, veio a Lisboa falar com el-rei seu sobrinho, mas não usou da sua autoridade como podia e foi-se embora sem conseguir nada. Não pensava senão nas suas caravelas e na descoberta de terras novas. Não via mais nada. A rainha era uma criança e tremia de medo no meio de tôdas estas intrigas.

O povo, que tanto amor tivera a Dom Pedro e tanto nêle confiara, agora voltava-se contra êle, acreditando nas mentiras que o duque e os seus mandavam espalhar.

E Dom Pedro, lá nas suas terras, sorria tristemente e dizia para Dom Álvaro Vaz de Almada:

— Como tive razão, conde, de não deixar que me levantassem a estátua! A estas horas estaria já quebrada em pedaços!

Quando o infante Dom Pedro soube que el-rei preparava a defesa da cidade de Lisboa, convencido de que êle o ia atacar, perdeu a paciência. Resolveu ir apresentar-se a el-rei para desmentir os seus inimigos e pedir justiça.

Muitos dos fidalgos seus amigos lhe pediram que se deixasse estar, que não saísse das suas terras, que era isso mesmo que o duque de Bragança queria para poder dizer a el-rei que seu tio vinha em pé de guerra contra êle como rebelde e traidor.

Mas o infante não cedeu.

— Estou farto de viver afrontado. Farto de mentiras e de traições. Tal vida não é para mim.

E tendo decidido a partida, chamou o conde de Avranches ao seu aposento e disse-lhe:

— Vou ter com el-rei a pedir-lhe justiça; mas el-rei é uma criança e está nas mãos de quem me quer muito mal. Vou pedir justiça, mas encontrarei injustiça, guerra e morte quási certa. Conde, através da vida tôda foste meu companheiro; quererás acompanhar-me também na morte?

E Dom Álvaro Vaz de Almada respondeu:

— Senhor, o maior contentamento da minha vida foi a vossa companhia. Nem sei como vos agradeça o convite de vos acompanhar também na morte. Quando Deus ordenar que a vossa alma parta dêste mundo logo a minha a seguirá; e se no outro mundo as almas podem receber serviço umas das outras, a minha nesse dia irá ter com a vossa para a servir eternamente.

O infante mandou então chamar um padre da sua confiança e indo os dois com êle em segredo à capela, aí se confessaram e receberam de suas mãos a sagrada comunhão, repetindo nessa hora seu juramento: que logo que um morresse o outro o seguiria. Tôda essa noite o infante e o conde passaram sôzinhos na capela em oração e meditação, velando suas armas que tinham pôsto sôbre o altar e preparando-se para bem morrer.

Partiu o infante de Coimbra com os seus, de manhãzinha. Iam todos bem

armados receando que os de el-rei, levados por mentiras dos seus inimigos, os atacassem no caminho. Mas foram até Rio Major sem encontrar ninguém.

Em Rio Major acampou o infante durante três dias, na esperança de que seu irmão Dom Henrique ou a rainha sua filha, vendo como êle vinha a pedir justiça, trabalhassem junto de el-rei em seu favor. Mas Dom Henrique voltara para Sagres e a rainha, uma criança, fechara-se nos seus aposentos a chorar e a tremer de mêdo.

Quando, ao cabo de três dias, Dom Pedro viu que não lhe chegava recado algum, começou a esmorecer, a perder tôda a esperança de alcançar justiça daquele rei tão novo e tão ignorante da vida, e que os seus inimigos governavam como queriam. E uma grande cólera e uma grande indignação cresceram no coração do infante contra o duque e todos os que o seguiam naquella feia emprêsa de enganarem uma criança para servirem os seus interêsses.

Os amigos de Dom Pedro aconselharam-no a voltar para Coimbra. Mas respondeu que dera a sua vida inteira ao serviço de Deus, do rei e da Pátria, e que mais queria morrer com honra do que viver enxovalhado.

E seguiu seu caminho.

Pelas alturas de Alcoentre começaram a aparecer cavaleiros de el-rei. Galopavam em volta da gente do infante, insultando-o, gritando-lhe nomes feios, acusando-o de traidor, de falso, e muitas outras coisas que mais vale não repetir.

Quis o conde de Avranches ir castigá-los; fervia-lhe o sangue contra aquêles canalhas que, enquanto o infante era regente, andavam em volta dele protestando da sua lealdade e pedindo-lhe mercês. Mas Dom Pedro não o deixou.

Ao cair da tarde acamparam. E aí os inimigos tornaram-se tão insolentes que alguns cavaleiros do infante se não tiveram que não fôsem sôbre êles; embrulharam-se em briga e com tanta sorte ou tão pouca, que trinta dos de el-rei foram mortos ou feitos prisioneiros.

Trouxeram os presos à presença do infante; e êste, vendo entre êles muitos a quem dantes fizera grandes favores, não pôde conter mais tempo a cólera que lhe trasbordava do coração.

— Ingratos e traidores! — disse êle. — Tão esquecidos estais dos favores que me pedistes e que de tão boa vontade vos fiz! Cãis, que sem vergonha me vindes insultar por me julgardes vencido! Agora vos castigarei!

E pegando num pau e caminhando para o principal, atirou-lhe à cabeça tal pancada que logo o estendeu morto, e aos outros mandou logo enforcar ou degolar, conforme as suas categorias.

Naquella noite a maior parte das tropas do infante fugiram. Vendo o que se tinha passado, logo pensaram que el-rei não perdoaria tais actos contra fidalgos seus.

— Ninguém pode salvar o infante, — diziam aquêles homens; — e quando chegar a gente de el-rei seremos todos chacinados.

E safaram-se.

Estava o infante em Castanheira, quando recebeu a notícia de que el-rei vinha contra êle com um grandíssimo poder de gente.

Seguido pelos poucos que lhe restavam, foi Dom Pedro cavalgando até perto de Alverca, à beira de um ribeiro chamado Alfarrobeira, e aí acampou.

Ía cansado e tão triste que já a morte o tentava mais do que a vida.

Pouco tempo se passara desde que tinham acampado, quando principiaram a chegar as tropas de el-rei que os cercaram por todos os lados. E então os arautos e reis de armas, que eram os oficiais da casa real encarregados de fazer as proclamações, com muitos toques de trombetas, gritaram grandes preções dizendo que todos os que estavam com o infante se passassem com suas armas para o campo de el-rei, e, se o não fizessem, sofreriam grandes castigos. Mas nem um só dos do infante obedeceu; e, muito pelo contrário, aconteceu que alguns fidalgos do campo de el-rei, se passaram nobremente para o de Dom Pedro.

Foi a gente de el-rei que começou o ataque. E bastantes caíram mortos antes que o infante desse a ordem de combate, de tal modo até ao fim Dom Pedro esperou que el-rei o quisesse ouvir.

Então embrulhou-se tudo em batalha. Triste batalha onde as fôrças eram tão desiguais que mais se devia chamar chacina do que guerra.

Dom Pedro apeou-se e, correndo onde o perigo era maior, começou a combater. Os que o viram naquela hora nunca mais o puderam esquecer; lutando contra dez escudeiros de el-rei, ali os matou a todos à ponta da espada; por onde passava, abria clareiras; ninguém resistia aos seus golpes certos. Parecia que um anjo lhe guiava o braço e protegia, porque o seu braço semeava a morte e nenhum dos inimigos que o rodeavam lograra feri-lo.

Por fim veio de longe uma seta que lhe atravessou o coração. E o grande infante caiu de uma vez, como cai uma tórre ou um rochedo. Nenhuma outra arma lhe tinha tocado nem havia outra ferida no seu corpo senão aquela, no peito, que lhe tirara a vida.

Andava Dom Álvaro Vaz de Almada noutro ponto da batalha, a cavalo, fazendo maravilhas de bravura. Onde êle aparecia, os inimigos recuavam em confusão. Cada golpe daquele braço, era um inimigo morto.

E, no meio do combate veio um pagem ter com êle e disse-lhe:

— Senhor conde, que fazeis? Está tudo perdido. O infante Dom Pedro foi agora morto.

Sem se admirar, como se esperasse aquela notícia, o conde respondeu:

— Cala-te; não o digas aqui a ninguém.— E nisto, dando de esporas ao cavalo, abalou para a sua tenda. Aí se apeou e pediu aos criados que lhe dessem pão e vinho. Comeu e bebeu e, sem mais uma palavra nem mostras de aflicção, muito sossegado, pegou nas armas e, a pé, se tornou para a batalha.

De tôdas as partes o arraial do infante já era entrado e vencido. Mais eram os mortos que juncavam o chão que os homens do infante a combater. Nem batalha tão desigual podia ter outro fim. Os que ali defendiam Dom Pedro, bem sabiam desde o princípio que só na morte teriam sua salvação.

O conde de Avranches quási só diante da gente de el-rei que parecia nascer do chão, combateu por largo tempo e de tal modo que fazia o espanto

de quantos o viam. Suas mãos e armas escorriam sangue; não seu, mas dos inimigos que feria e matava à sua volta. Como o infante, enquanto batalhou nenhuma ferida lhe rasgou a carne. Tempo que aos seus inimigos parecia sem fim; continuou êle sua batalha. Por fim, vencido de cansaço, gritou em altas vozes:

— Ó meu corpo, já sinto que não podes mais! E tu, minha alma, já tardas onde és esperada!

E com isto deixou-se cair no chão.

Os inimigos que o rodeavam, vendo-o por terra, atiraram-se a êle como cobardês que eram, a feri-lo, agora que êle se não podia já defender.

E êle ainda lhes gritou, a rir, cheio de desprezo:

— Agora é que é fartar, vilanagem!

E dizendo isto apartou-se-lhe a alma do corpo e foi ter com a do infante, lá na outra vida, a cumprir seu juramento.

Os que restavam no campo do infante, vendo-se perdidos, batalharam até ao fim e, entre mortos e mal feridos, nenhum escapou.

Assim acabaram suas lindas vidas o infante Dom Pedro, grande regente dêste reino, e Dom Álvaro Vaz de Almada, conde de Avranches, seu amigo fiel; dois dos melhores, mais nobres e leais cavaleiros de tôda a Cristandade.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DO REI AFRICANO E DAS SUAS PROEZAS

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu:
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

